
CONSTRUÇÕES LOCATIVAS E CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Hildomar José de Lima¹

Resumo

Neste artigo se discute sobre construções com predicados locativos e construções existenciais na Língua de Sinais Brasileira (LSB). A discussão é feita com base na noção dessas duas categorias de construções apresentada por Dryer (2007). O *corpus* se constitui de narrativas livres coletadas de surdos adultos fluentes em LSB. Observou-se inicialmente que, na LSB, as construções locativas são caracterizadas pelo uso do sinal ‘ter’, que pode indicar localidades ou estado, tratando, possivelmente, de sentenças com predicado copulativo nessa língua. As construções existenciais, por sua vez, caracterizam-se pelo uso do sinal ‘vida/viver’, que evidencia a existência apenas daquelas entidades com traço semântico humano, sem necessariamente envolver uma locação.

Palavras-chave: Construções locativas. Construções existenciais. Predicado copulativo.

LOCATIVE CONSTRUCTIONS AND EXISTENTIAL CONSTRUCTIONS IN THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Abstract

In this paper we discuss constructions with locative predicatives and existential constructions in the Brazilian Sign Language (BSL). The discussion is done based on the notion of these two categories of construction presented by Dryer (2007). The *corpus* is constituted by free narratives collected from deaf adults who are fluent in BSL. We initially observed that, in BSL, locative constructions are characterized by the usage of the sign ‘ter’, which may indicate localities or state we are dealing with sentences with a copulative predicative. Existential constructions, on the other hand, are characterized by the usage of the sign ‘vida/viver’, which shows the existence of only those entities with a human semantic trait, without necessarily involving location.

Keywords: Locative constructions. Existential constructions. Copulative predicative.

Introdução

¹ Possui Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2012), especialização em Educação Inclusiva pela Universidade Salgado de Oliveira (2006) e graduação em Letras Modernas (Port/Ing) pelo Centro Universitário UniEvangélica, regional Ceres-GO (2003). É Professor Assistente II da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, regional Goiânia.

Nos últimos tempos, as pesquisas linguísticas têm mostrado que as línguas de sinais, apesar de compartilharem de algumas estruturas e regras de funcionamento já observadas nas línguas orais, se diferenciam destas em vários aspectos (FERREIRA-BRITO, 1995; CHAIBUE, 2013; XAVIER & NEVES, 2016), tornando, assim, possível e necessário, cada vez mais, estudos que permitam identificar semelhanças e diferenças entre as diversas línguas de sinais e línguas orais existentes. Torna-se imprescindível, sobretudo descrever e sistematizar as regras de funcionamento das línguas de sinais.

Neste artigo se pretende apresentar algumas observações preliminares sobre uma possível caracterização das construções com predicados locativos e construções existenciais na Língua de Sinais Brasileira (LSB). A discussão é feita com base na noção dessas duas categorias de construções apresentadas por Dryer (2007). Desse autor se explorou também a noção de cópula, complementada pela caracterização de sentenças copulativas trazidas por Givón (2001).

O procedimento de análise dos dados se deu com base na noção que se tem de construções locativas e existenciais nas línguas orais pelo fato de não ter tido acesso a trabalhos que tenham explorado tais noções nas línguas de sinais. Ressalta-se, portanto, que não há nenhuma preocupação em provar que na modalidade visuoespacial há manifestações linguísticas semelhantes às aquelas encontradas nas línguas orais, senão em descrever ocorrências que podem apontar possíveis características de alguns tipos de construções encontradas na LSB.

Espera-se que este trabalho contribua para um melhor entendimento sobre como se manifestam, na LSB, aquelas construções que indicam a existência de um alguma entidade no universo conceitual. As observações de análises sobre as construções locativas e as construções existenciais como categorias distintas nessa língua são iniciais e contribuirão com pesquisas futuras sobre essa temática.

1 Procedimentos metodológicos

O *corpus* se constitui de narrativas livres coletadas de surdos adultos fluentes em LSB. Optou-se por trabalhar com narrativas especialmente para não limitar a análise em frases eliciadas e/ou descontextualizadas. As narrativas, de um modo em geral, apresentam a trajetória de cada participante, desde a infância até o ingresso em uma

Instituição de Ensino Superior. Os relatos retratam especialmente as dificuldades de comunicação enfrentadas nos ambientes escolares.

Foi utilizada a glosa como sistema de transcrição dos dados, em que (i) os sinais da LSB são representados por itens lexicais do português, grafados em maiúsculo; (ii) o sinal composto, formado por dois ou mais itens lexicais, é representado pela quantidade de palavras correspondentes separadas pelo símbolo ^ (ex.: CASA^ESTUDAR); (iii) um sinal, cuja equivalência em português corresponde a dois ou mais itens lexicais, é representado pela respectiva quantidade de itens separados por hífen (ex.: TER-NÃO); (iv) o símbolo @ indica que não ficou claramente expresso o gênero, uma vez que a LSB se utiliza de recursos específicos para tal noção gramatical (ex.: SURD@), e (v) os sinais que se correlacionam nocionalmente com verbos no português aparecem no infinitivo (ex.: SENTAR).

Foram empregadas as seguintes siglas no texto: ATR = atributo, CLSFR = classificador, SN = sintagma nominal, loc = locativo, EXIST = existencial, REFER = referente, IX<→L> = apontar para um ponto geográfico estabelecido no espaço de sinalização, IX<1> = referência à primeira pessoa do singular, NEG = negação, 1sg = primeira pessoa do singular, ATR = atributo.

2 Construções com predicados locativos e construções existenciais

De acordo com Dryer (2007), construções com predicado locativo e construções existenciais se caracterizam como categorias distintas de orações em muitas línguas do mundo. As com predicado locativo indicam a existência de algo em algum lugar, enquanto que as existenciais firmam-se como tal por evidenciar a existência de alguma entidade sem, necessariamente, situá-la em algum lugar no espaço. Observe-se nos exemplos em (1), da Ma'anyan, uma língua austronésia falada em Kalimantan, na Indonésia. Exemplos de Dryer (2007, p. 240):

(1) a. inehni naqan hang sungking
mother be.at at kitchen

‘a mãe dele está na cozinha’

b. naqan erang kaulun wawey mawiney hang tumpuk yeruq
be.at/exist one CLSFR woman beautiful at village the

‘havia uma linda mulher na vila’

c. *sadiq* *naqan* *tumpuk* *eteqen*
olden.time exist village Eteen
'era uma vez havia uma vila chamada Eteen'

As construções em (1) envolvem o verbo *naqan* 'estar em, existir'. Na construção (1a), a expressão tema² *inehni* 'a mãe dele' se vincula a uma expressão locativa *hang sungking* 'na cozinha' através do verbo *naqan*. O autor explica que neste caso o verbo *naqan* pode ser considerado uma cópula locativa exatamente por ligar uma expressão que denota alguma coisa para a qual uma locação é atribuída (expressão tema) a um predicado não verbal que consiste de uma expressão locativa.

Em (1b), de forma semelhante ao que ocorre em (1a), o verbo *naqan* relaciona a expressão tema *erang kaulun wawey mawiney* 'uma linda mulher' a uma expressão que denota locação *hang tumpuk yeruq* 'na vila'. Dessa forma, as construções em (1a) e (1b) se caracterizam como construções com predicados locativos, pois envolvem a existência de algo em algum lugar. No exemplo em (1c), diferentemente do que acontece nas duas primeiras amostras, a construção apenas indica a existência de alguma coisa e por isso se caracteriza como construção existencial.

Nas construções em (1a) e (1b), por exemplo, os participantes (aqueles de quem se fala) são claramente expressos em posição que precede o verbo, *inehni* 'mãe dele' (1a) e em posição posterior a ele, *erang kaulun wawey mawiney* 'uma linda mulher' (1b). Para Dryer (2007), no caso em (1a), a expressão tema ocupa uma posição comumente preenchida pelo sujeito em Ma'anyan, enquanto que em (1b) a expressão tema segue o verbo, posição em que o sujeito normalmente não é encontrado nessa língua. Nestes exemplos, o verbo *naqan* (estar em, existir) se caracteriza como uma cópula locativa.

Dryer (2007) define cópula como formas, na maioria verbos, utilizadas com predicados não verbais. Segundo esse autor, em algumas línguas, determinados verbos que assumem a função de cópula são gramaticalizados de outros verbos com significados mais específicos. Esclarece ainda que é possível encontrar línguas em que a cópula pode ser não verbal. Givón (2001) complementa que as sentenças copulativas

² *Tema* é um fenômeno do nível interacional e é "aquilo de que se fala; aquilo a que se predica", o seu complemento é o *rema* que é "o que se diz do tema; o que se predica ao tema" (NEVES, 2007, p. 38).

são constituídas por um sujeito e predicado, em que o sujeito se apresenta em estado paciente e o predicado pode ser tanto um nome quanto um adjetivo.

Dryer (2007) chama a atenção para o fato de que a construção em (1b) pode ser caracterizada como construção com predicado locativo e construção existencial ao mesmo tempo. Isso ocorre porque na Ma'anyan não é incomum o uso de um mesmo item para uma série de funções que incluem tanto a cópula locativa como uma palavra existencial. Este autor esclarece ainda que

Do ponto de vista discursivo, a função primária das construções [(1b) e (1c)] é aparentemente introduzir no discurso um participante que é novo para o interlocutor. O contraste entre [(1a)] e [(1b)] corresponde a uma diferença pragmática de identificabilidade e, portanto a uma diferença gramatical de definitividade no Inglês. O exemplo em [(1a)] não indica o estado de existência da mãe; ele é presumivelmente pressuposto. Nesse sentido, o exemplo em [(1a)] não é realmente existencial (DRYER, 2007, p. 241).

A partir de observações preliminares, presume-se que na LSB há duas categorias distintas de construções que indicam a existência de alguma entidade no universo do discurso. A diferença entre essas duas categorias de construções pode ser marcada pelos sinais 'ter' e 'vida/viver', em que o primeiro sinal marca as construções com predicados locativos e o segundo, as construções existenciais.

3 Construções locativas e construções existenciais na LSB

Na LSB, as construções com o sinal 'ter' indicam a existência de uma entidade em algum lugar. Sintaticamente ele ocorre, em geral, entre dois sinais que são nocionalmente nomes, em que o primeiro nomeia algum lugar no espaço e o segundo se refere à alguma entidade com traço semântico animado ou inanimado. Observe nos exemplos (2) e (3).

- (2) FACULDADE DENTRO TER INTÉRPRETE
na faculdade ter-EXIST intérprete-REFER
SN-loc SN

'havia intérprete na faculdade'

Em (2), o referente humano 'intérprete' aparece em posição final, antecedido pelo 'ter'. A ordem relativa, neste caso, é *marcador existencial mais referente*. Já na

Em uma análise contrastiva, Faria-Nascimento (2001) menciona que o sinal ‘ter’ desempenha, na LSB, função semelhante aos verbos ‘ser’, ‘estar’ etc. em português. Em se tratando de natureza do predicado, verifica-se que, na LSB, uma das funções sintáticas do ‘ter’ seja, possivelmente, caracterizar como copulativas aquelas orações que expressam atributo, conforme se observa nos exemplos (6) e (7)³.

(6) X<1> DOENÇA TER
1sg-REFER doença-ATR estar-cópula
‘eu estava doente’

(7) HOJE VOCÊ BONIT@ TER
 1sg-REFER bonito/a-ATR estar-cópula
‘hoje você está bonito/a’

É interessante observar que as construções em que o ‘ter’ indica localidades (exemplos (2), (3) e (4)) a ordem relativa se diferencia daquelas em que esse sinal indica estado. No primeiro caso, a regularidade de disposição dos elementos segue o padrão *complemento da cópula (supostamente um advérbio locativo) + cópula + sujeito da cópula (SN)*; ao passo que no segundo caso, a ordem relativa é *sujeito da cópula (SN) + complemento da cópula + cópula*.

As construções existenciais na LSB, por sua vez, se caracterizam pelo uso do sinal ‘vida/viver’, que evidencia a existência apenas daquelas entidades com traço semântico humano, sem necessariamente envolver uma locação, conforme se observa em (8).

(8) INTÉRPRETE VIDA ENSINAR
intérprete-REFER vida-EXIST
‘o/a intérprete ensinava’

Em (8), o referente ‘intérprete’ aparece em posição inicial na construção, seguido do sinal ‘vida/viver’. Na construção em (9), observa-se o mesmo padrão de composição, em que referente ‘intérprete’ precede o existencial ‘vida/viver’.

(9) INTÉRPRETE VIDA _____o referente colocado em um ponto específico
intérprete-REFER vida-EXIST LOC SENTAR
‘o/a intérprete ficava sentado’

³ Observações de campo.

O sinal que aparece com a glosa LOC descreve o referente em um ponto específico na sala de aula. Isto é, o intérprete ficava sentado no canto direito, à frente na sala. A locação se trata, nesse caso, de uma informação subjacente.

Nota-se em (8) e (9) que a informação sobre o referente encontra-se em posição subsequente ao sinal ‘vida/viver’. No primeiro caso, o intérprete ensinava e, no segundo, o intérprete estava situado em um canto específico da sala. Cumpre ressaltar que nos dados desta pesquisa o sinal ‘vida/viver’ aparece apenas em construções com referentes com traço semântico humano.

Quando a intenção é mencionar a não existência de alguém ou de algo, são empregados os sinais ‘ter-não’ e ‘nada’. Nota-se que o sinal ‘ter-não’ é utilizado independentemente de o referente da construção apresentar traço semântico humano ou não, conforme se observa no exemplo (10).

_____ produzido com as duas mãos simultaneamente + franzir a

testa

(10) SURD@ TER-NÃO
surdo-REFER EXIST-NEG

‘não havia surdo’

Em (10), o sinal ‘ter-não’ aparece em posição posterior ao referente com traço semântico humano. Observou-se ainda uma variação na produção desse sinal, que pode ser produzido com uma ou com as duas mãos. Possivelmente essa variação ocorre a partir da intenção do falante de enfatizar a inexistência de algo ou de alguém. Nos dados dessa pesquisa o ‘ter-não’, na construção (10), é produzido com as duas mãos para enfatizar que na escola não haviam outros surdos. Nesse exemplo, a expressão facial é outro elemento que co-ocorre com o sinal e nos possibilita entender a intenção enfática do emissor.

A construção (11) segue um mesmo padrão de distribuição de itens que se verifica no exemplo (10), porém nesta o referente apresenta traço semântico não humano, o qual aparece em posição inicial na construção, seguido pelo ‘ter-não’.

(11) DINHEIRO TER-NÃO
dinheiro-REFER NEG

‘não tem dinheiro’

O sinal ‘nada’ também é utilizado para indicar a inexistência em contextos com referente com traço semântico humano. Observe no exemplo (12).

- (12) PROFESSOR/A NADA
professor/a-REFER EXIST-NEG
‘não havia professor’

Nos exemplos (10), (11) e (12) as construções seguem um mesmo padrão de distribuição de itens, em que o sinal que indica a não existência aparece em posição posterior ao referente. Essa distribuição relativa dos termos envolvidos também é compartilhada por aquelas construções em que ocorre o sinal ‘vida/viver’ com sentido existencial. Essas construções se diferenciam daquelas em que o ‘ter’ tem função de marcador existencial. Nesse caso, o referente com traço semântico animado ou inanimado aparece em posição final da construção.

Não encontramos nos dados desta pesquisa nenhuma construção existencial negativa utilizando o sinal ‘vida’ acrescido de outro sinal e/ou expressão que remeta à ideia de negação, mesmo quando se trata de construções com referente humano.

Considerações

Observou-se inicialmente que, na LSB, as construções locativas são caracterizadas pelo uso do sinal ‘ter’ e que a ordem relativa dessas construções é *SN + ter (marcador existencial) + SN*. Presume-se a partir desses resultados preliminares que o ‘ter’ caracteriza como sentença com predicado copulativo as construções locativas na LSB. As construções existenciais, por sua vez, caracterizam-se pelo uso do sinal ‘vida/viver’, que evidencia a existência apenas daquelas entidades com traço semântico humano, sem necessariamente envolver uma locação.

A pressuposição de que o ‘ter’ pode ser classificado como uma cópula locativa na LSB evidencia que, mesmo sendo de modalidades linguísticas diferentes, línguas de sinais e línguas orais compartilharão de determinadas características em termos de organização gramatical pelo simples fato de serem línguas naturais.

Assim, muito provável que nessa língua alguns sinais nocionalmente verbos têm seus sentidos ampliados e podem atuar de maneiras diferentes da mesma forma que ocorre com processo de gramaticalização em várias línguas do mundo.

Referências

DRYER, M. S. Clause types. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. 2. ed. New York, Cambridge University, 2007. p. 224 – 275.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. Interface da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS (variante falada pela comunidade surda de Brasília) com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino de Português, como segunda língua, para surdos. *Revista Pesquisa Linguística - UnB*, Universidade de Brasília, n.6, p. iii-xii, 2001.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

CHAIBUE, K. *Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo*. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v.1, n.2, p. 130-151, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/issue/view/1684/showToc>>. Acesso em: 25 abr 2017.